

## 5. Últimos anos 20.

### O avanço da rede mundial

#### 5.1. Pelo ar ou por mar? - Rádio e Cabos em sintonia

Em contraste com a tecnologia submarina, a radiotelegrafia assumiu, desde a sua invenção, dois aspectos importantes. Se por um lado vinha preencher o vácuo das comunicações navais, vedadas ao telégrafo convencional, por outro *espalhava mensagens em todas as direcções e atravessava fronteiras impunemente*, tornando-a menos segura do que a transmissão por cabo, embora incontestavelmente mais versátil.<sup>174</sup> Neste sentido, o novo telégrafo sem fios assumiu-se como rival da velha telegrafia terrestre e do poderoso cabo submarino, tornando-se, pelas rápidas melhorias técnicas, tão eficiente e rápido como eles, além de menos dispendioso.

A primeira reacção acesa das companhias de cabos submarinos ao perigoso invento marconiano ocorreu em consequência da primeira transmissão transatlântica. O envio de sinais entre os continentes americano e europeu levava Guglielmo Marconi à Terra Nova, onde recebeu o famoso S transmitido de Poldhu. Pouco depois de anunciado o êxito, a *Anglo-American Telegraph Company* ameaçou processar a companhia inglesa por interferir com o monopólio das comunicações na região.<sup>175</sup> Marconi deslocou-se então para Glace Bay (Nova Escócia), onde prosseguiu as experiências que potenciariam a radiotelegrafia mundial. Quando Marconi trouxe para a sua rede, em meados na década de 20, as comunicações por onda curta, a ameaça ao domínio submarino foi levada ao extremo, aquecendo a tensão crescente entre os dois grupos de exploração.

Estes dois meios de comunicação representavam dois ângulos fundamentais de um mesmo objectivo para a hegemonia britânica nas comunicações mundiais. As principais ligações submarinas pertenciam ao capital inglês, concentrado desde 1902 no grupo *The Eastern and Associated Telegraph Companies*, ao mesmo tempo que o *Post Office* empenhara esforços em obter o monopólio da rede mundial de radiocomunicações. Nos últimos anos 20, a política de convergência no sentido de articular T.S.F. e Cabos encerraria, no

<sup>174</sup> Daniel Headrick, *op. cit.*, p. 116.

<sup>175</sup> *Idem*, p. 121.

contexto britânico, quase trinta anos de confrontos, inaugurando um verdadeiro consórcio de comunicações imperiais.

Em Fevereiro de 1929, o gerente da Marconi portuguesa S.J. Slingo viajou para Inglaterra para tomar parte numa importante conferência em nome da companhia, onde se encontravam (...) *representantes da Companhia dos Cabos e da Marconi's Wireless Telegraph Company, a fim de deliberarem sobre o acordo para a futura exploração dos serviços de comunicações via Cabo e T.S.F.*<sup>176</sup> Em Portugal, o controlo da maior fatia de tráfego para as colónias e algumas regiões do globo, a par da competição entre tarifas praticadas, também aconselhavam a articulação entre os dois grupos de telecomunicações, em concomitância com a política britânica em preparação face à sua própria rede. O acordo em vias de processamento entre cabos e radiotelegrafia traduzia a conciliação do sector sendo que: *Para a Companhia Portuguesa Rádio Marconi (...) o facto do acordo entre essas Companhias estrangeiras deverá ter, como natural consequência, uma exploração mais eficiente e económica das comunicações telegráficas, proveniente da íntima cooperação dos dois sistemas, cooperação essa que esperamos trará para nós e para o público apreciáveis vantagens.*<sup>177</sup>

Em finais de 1929, com o acordo do governo britânico, foi então formada a *Imperial and International Communications, Ltd*, que agrupou os negócios de cabos submarinos e radiocomunicações da ainda hegemónica rede britânica. Em Portugal, onde os dois grupos operavam como concessionários, esta fusão não era praticável, traduzindo-se os efeitos do consórcio no estabelecimento de acordos de tráfego que viriam harmonizar as relações entre eles.<sup>178</sup> Em 1932, o governo português autorizou a transferência dos direitos conferidos às companhias de cabos inglesas para o grupo *Imperial*.<sup>179</sup> O processo de integração da *Marconi's Wireless* nesse grupo, assumindo essencialmente funções de manufactureira e fornecedora, afastou Guglielmo Marconi do envolvimento directo com a actividade empresarial.<sup>180</sup> O capital da Marconi britânica em Portugal foi também transferido para a nova *holding* que, em 1934, passou a denominar-se *Cable and Wireless, Ltd*.

176 CPRM – *Actas das Reuniões do Conselho de Administração*, Acta n.º 66, de 28 de Fevereiro de 1929.

177 CPRM. *Relatório e Contas referentes ao exercício de 1 de Julho de 1927 a 30 de Junho de 1928*, Lisboa, 1929, pp.4-5.

178 CPRM – *Actas das Reuniões do Conselho de Administração* Acta n.º 74, de 29 de Julho de 1929.

179 Decreto n.º 22 021 publicado no *Diário do Governo*, I Série, n.º 300, de 23 de Dezembro de 1932.

180 Romano Volta, *op. cit.*, p.38.

## **5.2. 'Via Radio Directa': *Pela via mais rápida, mais prática e portanto mais económica***

Concluídas as primeiras estações e abertos alguns circuitos com o Mundo e colónias, a companhia portuguesa de Marconi tinha agora que empenhar-se na conquista do mercado fundamental ao seu sucesso comercial. A partir de 1927, os meios publicitários passaram a compor uma parcela importante no negócio das radiocomunicações, distribuindo por toda a imprensa anúncios ao novo meio de telegrafar, expresso como via de recurso mais eficiente. Em marcha subtil contra o império submarino, o *slogan* marconiano informava: *Já pode telegrafar pela Via Radio Directa – Telegrafe sempre pela via mais rápida, mais prática e portanto mais económica*. Velocidade do serviço e baixas tarifas avisavam assim potenciais clientes sobre os valores praticados pela nova companhia, atraindo atenções para a diferença de economia face ao já tradicional concorrente dos cabos. Na verdade, as noções de rapidez, eficiência e baixos preços acompanharam o desenvolvimento dos sistemas de comunicação desde a primeira jornada, justificando junto do público o recurso a novas tecnologias, pesassem embora alguns atavismos que retinham a clientela mais receosa.

Nesta data, um estudante de engenharia electrotécnica descreveu a celeridade da via rádio praticada pela C.P.R.M. da seguinte forma: *Para se fazer uma ideia da rapidez com que o serviço é feito direi que um telegrama chegou à central Radio após um percurso de 40 segundos dentro dos tubos pneumáticos, um minuto depois estava registado com determinado número, passado outro minuto estava na devida altura da mesa dos radios para Londres onde passou imediatamente à máquina perfuradora da fita, a qual se assemelha em tudo a uma vulgar máquina de escrever que perfura uma tira de papel com os traços e pontos dos sinais Morse pelo mesmo sistema que uma máquina vulgar imprime as letras a tinta. Esta fita (...) entra directamente no automático de transmissão que trabalha segundo o princípio do relais polarizado, sendo este que substitui o vulgar manipulador, (...) por intermédio de um simples reóstato pode fazer-se variar a velocidade de transmissão de 20 a 200 palavras por minuto.*<sup>181</sup>

Embora eficiente e mais económica, a via rádio da Marconi não beneficiou imediatamente da preferência do consumo português. A primeira fase de

<sup>181</sup> MORAES, Madrugada de, "Via Radio Directa", in *Técnica*, n.º 8, Março 1927, p. 102.



ANÚNCIO DA COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI. REVISTA PORTUGUESA DE COMUNICAÇÕES, Nº 8, ANO I, 15 DE OUTUBRO DE 1929, LISBOA, S.P. ACPRM



TUBO PNEUMÁTICO NA CENTRAL TELEGRÁFICA, 1926. ACPRM



SEDE DA COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI NA RUA DE S. JULIÃO, EM LISBOA, 1926. ACPRM

vida da empresa correspondeu a uma política de contenção da despesa face aos ainda fracos retornos da actividade. O tráfego com maior expressão partia quase só de Lisboa uma vez que a chegada da radiotelegrafia comercial ainda não tinha chegado ao conhecimento geral.<sup>182</sup>

No período inicial de actividade, entre o segundo semestre de 1927 e o primeiro de 1928, os resultados da publicidade feita pela companhia repercutiram-se num aumento de cerca de 41% do tráfego, embora o volume geral não obtivesse os melhores valores nos anos seguintes. A pressão submarina e a situação de crise que atravessava a economia portuguesa não favoreciam o negócio mantendo a “via Rádio Directa” no quadro de uma evolução lenta, embora sustentada, no mercado de comunicações português.<sup>183</sup> Na verdade, os anos seguintes à abertura do serviço marconiano português experimentaram saldos deficitários. Apesar do crescente número de telegramas permutados, estes valores não eram suficientes para cobrir os encargos da companhia, ainda a braços com o pagamento da instalação de estações à Marconi inglesa e com as despesas de abertura dos novos circuitos coloniais.<sup>184</sup>

### **Outras vias rádio**

A par do estabelecimento da grande malha colonial, a C.P.R.M. iniciou, logo em 1927, contactos com outras companhias nacionais europeias de T.S.F. a fim de lançar novas vias de tráfego. A 8 de Julho de 1927, S.J.Slingo comunicou à *Società Italiana per i Servizi Radioelettrici* - “Italo-Radio”, que Lisboa mantinha já em funcionamento os circuitos sem fios com Londres, Paris, Berlim, Madeira, Cabo Verde, Luanda, Lourenço Marques e Rio de Janeiro, preparando novas ligações. Entre o tráfego que viajava por Lisboa, uma parte considerável transitava via Paris para Itália, justificando o estabelecimento de um circuito directo que escoasse aquelas comunicações directamente. Propunha então a administração portuguesa estabelecer a comunicação entre as estações italiana e portuguesa para assegurar as ligações radiotelegráficas do serviço europeu e extra-europeu, escoando o tráfego italiano que seguisse

182 CPRM. *Relatório e Contas referentes ao exercício de 1 de Janeiro a 30 de Junho de 1927*, Lisboa, 1928, p.4.

183 CPRM. *Relatório e Contas referentes ao exercício de 1 de Julho de 1927 a 30 de Junho de 1928*, Lisboa, 1929, p.4.

184 CPRM. *Relatório e Contas referentes ao exercício de 1 de Julho de 1928 a 31 de Dezembro de 1929*, Lisboa, 1930, p.3.



PRIMEIRO *RELATÓRIO E CONTAS* DA COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI, RELATIVO A 1927.  
ACPRM



EMISSORES MARCONI DE ONDA DIRIGIDA EM DORCHESTER, INGLATERRA, 1928.  
ACPRM

para a África oriental e ocidental portuguesa, União Sul-Africana e Brasil.<sup>185</sup> Entretanto, em 1924, na sequência da adesão de Guglielmo Marconi à militância fascista dois anos antes, alguns conflitos pendentes desde o final da guerra com o governo italiano tinham sido superados, reposicionando o empresário no quadro das radiocomunicações do seu país natal. A *Italo-Radio*, até então dirigida por capitais franco-alemães, transitou para a presidência marconiana, que alargou a sua influência na exploração comercial de T.S.F. italiana.<sup>186</sup> Ao projecto então enviado pela CPRM, a *Italo-Radio* respondeu positivamente, propondo ainda fazer passar pelo seu circuito a correspondência proveniente de Lisboa com destino à Hungria, Checoslováquia e Grécia.<sup>187</sup> Firmava-se então o primeiro acordo de tráfego radiotelegráfico luso-italiano, cujos trabalhos de negociação foram iniciados em Dezembro desse ano. A 20 de Junho do ano seguinte, a imprensa registou a abertura oficial da primeira radioligação entre Lisboa e Milão: *Foi ontem inaugurado, com grande sucesso, o novo circuito directo radio-telefónico Lisboa – Milão, pela Companhia Portuguesa Rádio Marconi. A Marconi trabalha em conjunto com a Italo-Radio, empresa que tem na Itália as melhores e mais modernas estações radio-telegráficas conhecidas. O circuito que acaba de ser inaugurado representa mais um alto serviço prestado ao país pela Companhia Portuguesa Rádio Marconi; significa ele que podemos comunicar rapidamente não só com a Itália, mas também com os Balcãs e ilhas italianas do Mar Egeu. É, incontestavelmente, um grande melhoramento para as nossas relações internacionais.*<sup>188</sup>

Nas relações com o país vizinho, a exploração das comunicações por T.S.F. não conseguiu vencer os circuitos terrestres nos primeiros anos, só conhecendo maior impulso a partir da eclosão da Guerra Civil, face ao corte generalizado das comunicações espanholas. Em Agosto de 1936 a *Transradio* espanhola, outra companhia de raízes marconianas, telegrafou a Lisboa pedindo colaboração urgente. As comunicações com Espanha, via Vigo e Canárias, acabavam de ser suspensas por ordem do governo, sendo necessário o recurso à via rádio da C.P.R.M. para fazer seguir a correspondência em suspenso. Ape-

185 ACPRM (...) - *Circuito Italiano. De Nov. 1926 a Jun. 1940*. Dossier n.º 214. Cópia da carta G. 850 de 8 de Julho de 1927, enviada por S.J. Slingo à Companhia *Italo-Radio*.

186 Giovani Paolini e Rafaella Simili, *op.cit.*, pp. 104-105.

187 *Idem*, Carta TH/IV, de 18 de Julho de 1927, enviada pela *Italo-Radio* em resposta à proposta da C.P.R.M..

188 "Marconi ligação Lisboa – Milão" in *O Jornal do Comércio e das Colónias*, n.º 22 323 de 20 de Junho de 1928, p.1.

sar do melindre político em que a companhia se poderia envolver, pela aceitação de tráfego oficialmente cancelado, o circuito foi autorizado e estabelecido para o serviço internacional. Até ao Verão de 1938, a C.P.R.M. assegurou as comunicações exteriores para as Canárias e daquelas ilhas para o continente português, Açores, Madeira, Cabo Verde, Angola e Moçambique.<sup>189</sup>

### 5.3. Quadros de inovação – o Mundo em mudança

A distância entre a T.S.F. comercializada no princípio de século e os múltiplos serviços de radiocomunicações dos primeiros anos 30, ficou profundamente marcada pelo impacto das transformações tecnológicas. De facto, em menos de três décadas as comunicações via rádio tinham evoluído do terreno do fantástico para um produto habilmente comercializado, amplamente consumido, ao qual se foram reconhecendo novas potencialidades. O percurso da radioelectricidade expandiu-se então, no período subsequente à Grande Guerra, por vários domínios da vida privada, empresarial, do entretenimento e da divulgação cultural. Perto da realização de um novo encontro internacional, ocasionado pela Conferência de Washington de 1927, o Mundo emprestava às radiocomunicações uma enorme superioridade de vantagens, por contraste com a Convenção de 1912: *Os progressos então realizados no campo da ciência radioelétrica têm sido por tal forma consideráveis que as disposições regulamentares saídas dessa conferência deixavam actualmente sem regulamentação adequada as comunicações presentemente empregadas nas relações internacionais. O que em 1912 era considerado bom em radiotelegrafia, não constitui hoje senão uma velharia anti-diluviana.*<sup>190</sup> As aplicações da radiogoniometria (para a orientação na navegação), a radiodifusão e a radiotelevisão alcançavam o triunfo da inovação constituindo a matéria central de regulamentação da nova Conferência.

### Cultura de massas e radiodifusão

Na programação da sua actividade, a *Companhia Portuguesa Rádio Marconi* ponderava já transferir para outra entidade os direitos que assistiam à

189 ACPRM - *Serviços com Espanha. Circuito Portugal - Espanha. Durante a Guerra Civil.. De Nov. 1927 a Jul. 1939.* Dossier 209/I. Informação de 28 de Agosto de 1936, da Tarifação e Contabilidade do Tráfego da CPRM para a Superintendência.

190 “Conferência Radiotelegráfica de Washington”, in *Revista de Obras Públicas e Minas*, n.º 643, Novembro/Dezembro, 1927, p. 194.



sua concessão de explorar os meios de radiodifusão, sector particularmente melindroso das novas comunicações.<sup>191</sup>

Introduzida no quadro explosivo da ascensão da cultura de massas dos *loucos* anos 20, este tipo de radiotelefonía transformou-se depressa num meio privilegiado de difusão artística, musical, cultural, para além do seu papel fundamental como meio noticioso. Aquele que seria o *mais extravagante resultado da inovação no século das comunicações*<sup>192</sup>, ficou a dever a sua origem a Marconi mas também a muitos outros criadores de sistemas sem fios como o inglês Oliver Lodge, o russo Alexander Popov, os alemães Adolphus Slaby e George Von Arco, o francês Branly e o muitas vezes esquecido americano Fessenden que, no dia de Natal de 1906, conseguiu difundir a música de um violino a vários navios que passavam junto à costa norte-americana.<sup>193</sup>

Apesar dos tradicionais confrontos com o governo inglês, a Marconi britânica esteve na origem da constituição da *British Broadcasting Company* (BBC) em 1922, que transitou porém, quatro anos passados, para controlo estatal sob a designação de *British Broadcasting Corporation*. Em Portugal, como na generalidade dos países, o governo levantou reticências à concessão de licenças privadas para radiodifusão, levando o Estado a chamar a si o seu monopólio. A resolução tardia do problema da radiofusão e a ansiedade crescente dos radiófilos em assistir ao nascimento de uma emissora nacional, fez atribuir durante algum tempo a responsabilidade sobre a Companhia Marconi, acusada de sustentar o monopólio da radiofonia pelo adiamento da resolução do problema. Um artigo sem assinatura publicado nesse ano pela revista *Radio-Ciência*, dirigia então duros ataques contra a persistente ausência de uma radiodifusora portuguesa, reclamando com uma certa ironia: *Estamos na Europa. Portugal é um País civilizado, procura progredir, procura caminhar. Todas as manifestações de progresso têm um eco entre nós. (...) Há somente um assunto em que Portugal se mantém alheio a todos os incitamentos, a todos os exemplos do estrangeiro, a 'Radiodifusão'. Porquê? (...)*

Adiantando a explicação, acusava Estado e Companhia: *A Radiodifusão não é*

191 CPRM – *Actas das Reuniões do Conselho de Administração*, Acta n.º 5, de 17 de Setembro de 1925.

192 MONTELEONE, Franco, *Scritto nel vento. La nascita del Broadcasting*, in *Guglielmo Marconi, Genio, storia e Modernità* (...), p.62.

193 *Idem*, p.64.

*monopólio do Estado (...)* É pois evidente que nenhum direito assiste à Companhia Marconi em se imiscuir no que se refere a Radiodifusão, salvo se o Governo decretar amanhã que a Radiodifusão passe a ser monopólio do Estado (...).<sup>194</sup>

Desviando definitivamente estas acusações e atendendo à necessidade de regulamentar as novas aplicações das ondas radioelétricas, o governo fez publicar no ano seguinte um decreto que prevendo que: (...) *os serviços da radiotelegrafia, radiotelefonía, radiodifusão, radiotelevisão e outros que venham a ser descobertos e que se relacionem com a radioelectricidade sejam monopólio do Estado em todo o território da República.* Por este normativo criava ainda, junto da Administração Geral dos Correios e Telégrafos, o Conselho de Radioelectricidade.<sup>195</sup> A Emissora Nacional acabaria por ser inaugurada em 1935, sob domínio estatal, sem intervenção da empresa portuguesa.

### **Os anos 30 a bordo da inovação**

Depois do golpe empresarial infligido pela formação da *Imperial and International Communications, Ltd*, Guglielmo Marconi concentrou-se no seu percurso como cientista. No início da década de 30, sempre acompanhado pelo *Elettra*, o inventor inaugurou um novo ciclo experimental então emergente – as microondas aplicadas à radiotelefonía. Logo em 1932, Marconi conseguiu comunicar por voz, a partir de Génova, com a estação de ondas curtas instalada em Sydney, a cerca de 20 mil quilómetros de distância.<sup>196</sup>

As notícias da inovação despertaram a curiosidade científica em Portugal, transposta para revistas da especialidade. Um artigo de 1933 anunciava: *O sábio italiano Marconi, ao qual devemos as comunicações por ondas ultra curtas – de alguns centímetros – estabelecidas entre Roma e Castel-Gandolfo, residência estival do Papa, continua, no Mediterrâneo, a série de experiências sobre as ondas ultra curtas. As ondas de alguns centímetros propagam-se em linha recta como a luz; são reflectidas, como ela, por espelhos eléctricos de alguns decímetros e podem, por consequência, ser dirigidas por meio dum feixe para um fim determinado. Parece possível, empregando ondas apropriadas, um pouco mais longas, fazer com que elas atinjam grandes distâncias. Parece mesmo possível fazê-las contornar obstáculos para atingir o mesmo*

194 “Porquê?...” in Rádio Ciência. Revista de vulgarização Rádio-Eléctrica, n.º 3, Ano VI - Tomo IV, Lisboa, Julho de 1929, pp.67-68.

195 Decreto n.º 17 899 publicado no *Diário do Governo*, I Série, n.º 24, de 29 de Janeiro de 1930.

196 Romano Volta, *op. cit.*, pp. 36-37.

*fim. As experiências de transmissão por telefonia sem fios em ondas extra-curtas efectuadas pelo senador Marconi entre dois pontos separados por montanhas, foram coroadas de tão grande êxito que ele decidiu proceder a novos ensaios mas com uma distância maior que a que separa o seu iate “Electra” da costa italiana, a Rapallo. Marconi prediz – depois dos resultados obtidos com as ondas ultra curtas – que estes poderão brevemente substituir as linhas actuais.*<sup>197</sup>

## 6. A tripla rede Marconi

### 6.1. O inventor ao encontro da ciência e da técnica – última visita a Lisboa

Em 1929 Marconi voltou a Lisboa. O inventor e empresário era uma figura e ascensão na cena política italiana. Em 1927 assumiu o seu primeiro cargo público, aceitando a presidência do Conselho Nacional de Investigação (*Consiglio Nazionale delle Ricerche*), organismo criado para a promoção da investigação científica e, não tardaria muito para, em 1930, ser nomeado directamente por Mussolini para presidir à Academia de Itália, que se distinguiu por privilégios e financiamentos especiais do regime.<sup>198</sup>

A 24 de Setembro de 1929, o *Elettra* trouxe o inventor pela última vez à costa lisboeta, onde aportou com um objectivo diferente das estadias anteriores: o cientista consagrado vinha conhecer as instalações da Companhia a que ofereceu o nome. A visita causou alguma surpresa.<sup>199</sup> O comandante João Júdice Vasconcelos assegurou a recepção ao empresário, conduzido então à sede da Marconi portuguesa, na Rua de S. Julião, onde foi acompanhado por Sydney John Slingo, gerente da empresa responsável pela primeira organização interna dos serviços e o engenheiro-chefe Tisshaw. O encontro com uma das mais jovens empresas

197 “As ondas ultra-curtas” in *Rádio Ciência. Revista de vulgarização Rádio-Eléctrica*, n.º 54, Ano X - 5.º volume, Lisboa, Maio de 1933, p.117.

198 Giovanni Paolini e Raffaella Simili, *Op. Cit.*, p. 108.

199 Esta última visita de Guglielmo Marconi ao nosso país terá sido relativamente inesperada, não tendo, parte do conselho de Administração da empresa portuguesa conhecimento da sua presença em Lisboa. Na acta das reuniões do Conselho n.º 76, de 7 de Outubro de 1929, ficaria então registado: *Referiu-se S. Ex.ª à estada em Lisboa do sr. Senador Marconi e explicou que, tendo essa estada sido de curta demora e inesperada, não pudera dela prevenir os seus colegas do Conselho. Informou que o sr. Senador Marconi visitara a nossa Estação Central e a Estação de Alfragide, tendo-se mostrado satisfeito com as respectivas instalações. O sr. Administrador Delegado disse que o sr. Presidente, dr. António Centeno, fora inexecedível na forma como havia recebido o sr. Senador Marconi, levando a sua amabilidade até ao extremo de pôr às ordens do ilustre visitante um comboio especial para ida e volta ao Estoril, onde lhe foi oferecido um almoço. (...).*